

O OPRIMIDO E SUA LIBERTAÇÃO: REFLEXÕES PERMANENTEMENTE NECESSÁRIAS

Hemetério Segundo Pereira Araújo¹
Patrícia Campêlo do Amaral Façanha²
Jörn Seemann³
Auzuir Ripardo de Alexandria⁴
Solonildo Almeida da Silva⁵

INTRODUÇÃO

Para aqueles que são desfavorecidos e os que encontram sua identidade nesse contexto e, ao fazê-lo, compartilham de seu sofrimento, mas acima de tudo lutam ao seu lado; eis o norte de um caminho libertador que, inexoravelmente, leva-nos a uma importante reflexão acerca da difícil missão do educador que, desde cedo, depara-se com diversos teóricos e suas teorias e, ao longo de sua práxis cotidiana confronta tudo o que aprendeu com a realidade que escancara as portas de sua sala de aula e lhe faz questionar entre a ação de lecionar e a de libertar. Dessa forma, objetivamos neste trabalho elaborar reflexões permanentemente necessárias a respeito de duas obras de Paulo Freire que se complementam em uma perspectiva crítica e emancipatória, são elas: *Pedagogia do Oprimido* (publicada inicialmente em 1968) e *Educação como Prática de Liberdade* (Freire, publicada inicialmente em 1967).

MATERIAIS E MÉTODOS

Este trabalho se fundamenta na *Pedagogia do Oprimido* (Freire, 1987) e na *Educação como Prática de Liberdade* (Freire, 1992), onde, por meio de uma pesquisa qualitativa e descritiva (Bastos, 2007), traçamos os devidos paralelos entre ambas as obras em questão, desde o embate entre a educação libertadora e o medo da própria liberdade, passando pela tomada de consciência do opressor, do oprimido e das

¹ Doutorando em Ensino pelo Instituto Federal do Ceará - IFCE, hemet.two@hotmail.com;

² Doutoranda em Ensino pelo Instituto Federal do Ceará - IFCE, patriciacampelo12@gmail.com;

³ Doutor em Geografia pela Ball State University - BSU, jseemann@bsu.edu;

⁴ Doutor em Engenharia de Teleinformática pela Universidade Federal do Ceará - UFC, auzuir@gmail.com;

⁵ Professor Orientador: Doutor em Educação pela Universidade Federal do Ceará - UFC, solonildo@ifce.edu.br.

situações de opressão vivenciadas, até a construção de um sujeito que se transforme com o outro, partindo de um aprendizado social, forjado em suas experiências de vida e a serviço da transformação do mundo que o cerca à luz deste verdadeiro legado deixado por Freire.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dentre os resultados obtidos neste trabalho temos o impacto da tomada de consciência quando o oprimido, ao se perceber nesta condição, por conta do senso crítico adquirido na práxis de uma educação libertadora, questiona a própria liberdade, por vezes, temendo-a, como expresso em Freire (1987, p. 16) quando o próprio autor afirma que “O medo da liberdade, de que necessariamente não tem consciência o seu portador, o faz ver o que não existe”; revelando assim a batalha ferrenha e permanente entre o processo porque passa o aprendiz e o temor frente ao resultado deste processo, muitas vezes “destrutivo”.

O referido medo nos remete a uma necessária quebra de paradigmas, que precisa ser efetivada, onde o oprimido, por sua própria condição, não reconhece os novos horizontes à sua frente, mesmo que tais horizontes lhe ofereçam a liberdade tão sonhada, pois ele já assimilou essa dita condição e a assumiu como verdade, por estar imerso em um meio de impossibilidades ou mesmo por se identificar com o seu opressor.

Há, por outro lado, em certo momento da experiência existencial dos oprimidos, uma irresistível atração pelo opressor. Pelos seus padrões de vida. Participar destes padrões constitui uma incontida aspiração. Na sua alienação querem, a todo custo, parecer com o opressor. Imitá-lo. Segui-lo. Isto se verifica, sobretudo, nos oprimidos de “classe média”, cujo anseio é serem iguais ao “homem ilustre” da chamada classe “superior” (Freire, 1987, p.32).

Outro resultado obtido é, também por conta da experimentação da liberdade, a percepção do oprimido quanto a identificação do seu opressor, a sua própria condição de oprimido e, igualmente importante, as situações de opressão vivenciadas, ratificadas em Freire (1987, p. 27) quando o autor diz que “Não haveria oprimidos, se não houvesse uma relação de violência que os conforma”, gestando o que o mesmo diz ser os “demitidos da vida”.

Inauguram a violência os que oprimem, os que exploram, os que não se reconhecem nos outros; não os oprimidos, os explorados, os que não são reconhecidos pelos que os oprimem como outro. Inauguram o desamor, não os desamados, mas os que não amam, porque apenas se amam. Os que inauguram o terror não são os débeis, que a ele são submetidos, mas os violentos que, com seu poder, criam a situação concreta em que se geram os “demitidos da vida”, os esfarrapados do mundo (Freire, 1987, p.27-28).

Entendemos aqui a importância do reconhecimento, por parte do oprimido, de sua condição de opressão e, mais ainda, daquele ou daqueles que são responsáveis por lhe conformar em sua condição de opressão, uma vez que ele não conseguirá lutar contra aquilo que não vê, pois não há luta sem consciência.

Os grupos das elites, agarrados aos privilégios, não se contentam com a idéia, que eles próprios nunca tomaram a sério, de que a educação é “a alavanca do progresso”. Em realidade se comportam como se por esta mesma razão os frutos do progresso deveriam ficar para os “cultos” (Freire, 1967, p.13).

Por fim, mas não menos importante, ou até mais, porque denota uma saída possível e necessária, é o reconhecimento do oprimido de que sua construção como sujeito, agente de transformação, se dá com o outro, parte de um aprendizado social, construído politicamente e a muitas mãos, fundamentado em suas experiências de vida e, obviamente, à luz de Freire (1992), a serviço da transformação do mundo, da promoção da própria liberdade.

É por isso que, alcançar a compreensão mais crítica da situação de opressão não liberta ainda os oprimidos. Ao desvelá-la, contudo, dão um passo para superá-la desde que se engajem na luta política pela transformação das condições concretas em que se dá a opressão (Freire, 1992, p.16).

Como entendemos no próprio legado de Freire, ninguém se transforma sozinho, tudo, para ser efetivo e duradouro, para ser transformador e centrar na liberdade almejada, parte de uma articulação conjunta e social, tudo parte das trocas sociais e interpessoais, justamente para se chega a um mesmo sonho, a um ideal coletivo, a um objetivo comum.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Extraímos daqui uma inexorável reflexão sobre o poder da educação e os impactos que esta tem sobre a vida de todos aqueles que, em alguma proporção, enfrentam a opressão, seja de forma real ou figurativa.

Entendemos assim que a educação liberta, inspira, transforma, que ela é o caminho mais potente para se promover a justa libertação de todos que, de uma forma ou de outra provam do sabor amargo da opressão em algum nível ou espectro de sua jornada, seja pessoal, social ou profissional.

Entendemos também os impactos que a educação tem sobre a vida de um ser humano são intangíveis, principalmente se olharmos para o campo das relações, para os encontros proporcionados pelo próprio viver, pois, à luz do legado deste grande educador brasileiro, todos somos resultados dos encontros, principalmente daqueles que nos permitem vislumbrar, por meio da arte do educar, caminhos novos, saídas possíveis e um norte rumo a oportunidade de provar o doce sabor da liberdade.

Constatamos ainda a vivacidade e a atemporalidade da obra deste grande pensador brasileiro, patrono de nossa educação, que, mesmo com o avanço civilizatório e tecnológico, não perde o viés das discussões, muito menos sua profundidade.

Reconhecemos que, Paulo Freire, por tudo o que fez e representa, e seu legado, por todos os impactos provocados, estão no panteão da educação nacional e, porque não dizer, internacional, uma vez que a opressão e sonho de liberdade de quem prova, em algum aspecto, o gosto amargo de ser oprimido, não são privilégios nossos – povo brasileiro – pois, infelizmente e de maneira inexorável, acontecem em escala mundial.

Esperançamos com isso, reacender essa permanente e necessária reflexão, vislumbrando novos tempos, onde, um dia, quem sabe, a distância entre o oprimido e a sua liberdade diminua tanto, e a tal ponto, que quase inexista, ou mesmo, atendendo aos anseios de todos que, como nós, acreditamos e apostamos em dias melhores e em um futuro mais bonito e possível, finalmente seja superada.

Por fim, mas não menos importante, emanamos a todos, professores, educadores e sociedade em geral, o desejo de que as reflexões construídas neste trabalho, extrapolem a escrita e caiam no gosto e nas ações de todos que acreditam na educação e no próprio educar, motivando cotidianamente o encontro do oprimido com sua liberdade, tornando tais reflexões permanentemente necessárias.

Palavras-chave: Pedagogia do Oprimido, Educação como Prática de Liberdade, Paulo Freire, Práxis Emancipatória, Análise Crítica.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), da Rede Nordeste de Ensino (Renoen - Polo IFCE) e da Secretaria de Educação do Ceará (SEDUC/CE).

REFERÊNCIAS

BASTOS, Núbia Maria Garcia. Introdução à metodologia do trabalho acadêmico 4 ed. Fortaleza: **Nacional**. 2007.

FREIRE, Paulo. Educação como Prática de Liberdade. 23 ed. Rio de Janeiro: **Paz e Terra**. 1967.

_____. Pedagogia do Oprimido. 11 ed. Rio de Janeiro: **Paz e Terra**. 1987.

_____. Pedagogia da Esperança: Um Reencontro com a Pedagogia do Oprimido. 4 ed. Rio de Janeiro: **Paz e Terra**. 1992.